

# ESTUDO SOBRE A NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA NA OBRA DE FRIDA KAHLO

ÁVILA, KATHLEEN OLIVEIRA<sup>1</sup>; CHAVES, LARISSA PATRON<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Graduanda em Artes Visuais - Licenciatura / UFPel - kathleenoavila@gmail.com

<sup>2</sup> Professora Orientadora – larissapatron@gmail.com

## RESUMO

Este trabalho, proposto pela disciplina de Arte e Cultura na América Latina, parte de reflexões realizadas durante o curso de Artes Visuais – Licenciatura do Centro de Artes da UFPel, em especial da relação da minha produção artística com o assunto. O Estudo apresentado tem como objetivo analisar e contextualizar a vida da artista Frida Kahlo, procurando entender suas obras, a partir da perspectiva autorreferencial visando assim, a compreensão da narrativa autobiográfica em sua pintura. A base deste estudo caracteriza-se como uma pesquisa bibliográfica, fundamentada inicialmente na investigação, pesquisa, leitura e análise de artigos e biografias que contivessem informações relevantes sobre o autor estudado. Destacando a leitura das imagens: *Unos cuantos piquetitos* (1935); *Mis abuelos, mis padres y yo* (1936); *Recordação ou O coração* (1937); *O Hospital Henry Ford ou A cama Voadora* (1938); *Autorretrato com cão Itzcuint* (1938) e *Autorretrato de Pelona* (1940).

**Palavras-chave:** Frida Kahlo, pintura autobiográfica, autorreferência.

## INTRODUÇÃO

De acordo com KETTENMANN (2010), Magdalena Carmen Frieda Kahlo y Calderón, mais conhecida como Frida Kahlo, foi uma artista nascida em Coyoacán, México, em 1907. Terceira das quatro filhas de Guillermo Kahlo e Matilde Gonzalez y Calderón. Ingressou na Escola Nacional Preparatória em 1922, onde almejava estudar ciências naturais, biológicas e esperava vir a ser médica. Seu primeiro contato com o mundo das artes veio através do pai, um entusiasta artista amador como pintor e fotógrafo profissional, este que lhe ensinou a usar a máquina fotográfica, revelar, retocar e colorir fotografias. Experiências que vieram a ser muito úteis no seu futuro com a pintura.

Em setembro de 1925 Frida sofre um grave acidente que muda sua vida e repercute ao longo dela, como acompanhamos ao longo de suas obras autobiográficas. Uma das consequências foi seu despertar para as artes, pois é através da pintura que ela pode adquirir seu conforto e expressar suas angústias nos anos de confinamento que

teve junto a cama por não poder se mover. Foi devido a esse acidente que Frida reconstruiu seu corpo e sua forma de ver o mundo.



**Figura 1:** Com Granizo (“O pequeno cervo”), quando era gamo novo, c.1939. Fotografia de NickolasMurray. Fonte: HERRERA, Hayden. Frida: A Biografia. São Paulo: Globo, 2013. p. 320.

Este trabalho, proposto para a disciplina de Arte e Cultura na América Latina, parte de reflexões realizadas durante o curso de Artes Visuais – Licenciatura do Centro de Artes da UFPel, em especial da relação da minha produção artística com o assunto. Tem por objetivo analisar e contextualizar a vida da artista Frida Kahlo, procurando entender suas obras, a partir da perspectiva autorreferencial. Parte da necessidade de aprofundar estudos sobre a arte latina americana, tendo em vista o seu recorte conceitual, em especial os autorretratos de Frida Kahlo em face a carência destes dentro da própria Academia e a importância de se trabalhar este conteúdo como futura docente no ensino formal e não formal.

A base deste estudo caracteriza-se como uma pesquisa bibliográfica, fundamentada inicialmente na investigação, pesquisa, leitura e análise de artigos, publicações, biografias e demais fontes oficiais e não oficiais que contivessem qualquer informação relevante sobre o autor estudado. Destacando a leitura das imagens: *Unos cuantos piquetitos* (1935); *Mis abuelos, mis padres y yo* (1936); *Recordação ou O coração* (1937); *O Hospital Henry Ford ou A cama Voadora* (1938); *Autorretrato com cão Itzcuint* (1938) e *Autorretrato de Pelona* (1940).

## **FRIDA KAHLO E O AUTORRETRATO**

Segundo Frida, aquilo que ela via era aquilo que ela pintava (HERRERA, 2013). Seguindo a interpretação dessa frase pode-se entender que as suas pinturas, tinham a mesma funcionalidade que seus diários, continham vestígios de sua vida, que

auxiliavam sua memória a acompanhar determinados momentos de sua vida, ou até mesmo, torna-lo uma maneira possível de vivê-lo.

Pode-se observar em suas pinturas, autorretratos, uma excessiva autorreferência, tornando a expressão das emoções mais particular do que as próprias da humanidade de que pudesse se ver ali refletidas. Ainda, é possível perceber em seus autorretratos, certa confissão de sua intimidade, como em *Autorretrato de Pelona* (Figura 2), que Frida em sua angústia, após descobrir a traição incestuosa do marido, cortou os longos cabelos que Diego adorava e deixou de usar os trajes tehuanos. E, como se a dor imediata fosse imensa demais para ser registrada, pintou *Unos cuantospiquetitos* (Figura 3), retratando não a sua própria experiência, mas seu sofrimento projetado na desgraça de outra mulher.



**Figura 2 e 3:** Na imagem à esquerda, 2: *Autorretrato de Pelona*, 1940. Óleo sobre tela 40 x 28 cm. Museu de Arte Moderna Nova Iorque, EUA. **Fonte:** Disponível em: <http://www.fridakahlofans.com>. Acesso em 09 Jul. 2014. Na imagem à direita, 3: *Unos cuantospiquetitos*, 1935. Óleo sobre metal 30 x 40 cm. Coleção de Dolores Olmedo Patiño, Cidade do México, México. **Fonte:** Disponível em: <http://www.fridakahlofans.com>. Acesso em 9 Jul. 2014.

*Unos cuantospiquetitos* ou *Umas facadinhas de nada*, de acordo com Herrera (2013) é baseado em uma notícia de jornal, em que um homem bêbado jogou a namorada numa cama e a apunhalou 20 vezes; quando questionado pela polícia sobre o crime, o assassino afirmou, com ar inocente, que tinha dado nela apenas “umas facadinhas de nada”.

Frida disse a uma amiga que pintou o assassino com aquela aparência “porque no México assassinar alguém é algo bastante satisfatório e natural”. Ela acrescentou que precisara pintar essa cena porque sentia que certa simpatia pela mulher assassinada, já que ela mesma tinha chegado perto de ser “assassinada pela vida” (HERRERA, 2013, p.213).

“Assassinada pela vida” pode-se entender essa frase a partir do fato de que poucos meses depois de regressar ao México, Frida sentiu declinar suas esperanças de iniciar uma vida harmoniosa com o marido, pois Diego logo iniciou um caso com sua irmã mais nova.

Com relação à identidade em suas obras percebemos as origens indígenas, descendência materna, sempre presente e um fator de relevância em toda a sua performance, desde a sua forma de vestir-se e pentear-se inspirada nos costumes desse povo formadores da cultura do México. Na obra *Mis abuelos, mis padres y yo* (Figura 4) Frida buscar representar suas origens. O seu surgimento neste mundo como uma menina mestiça e fruto do lugar (México). Ela também se apresenta pelo feto em desenvolvimento e pela reprodução do momento da fertilização. Percebe-se que ao mostrar esses três momentos de formação aliados pelo laço com seus avós e pais, foram eventos de grande relevância para a artista e servem de etapas para sua formação.



**Figura 4:** *Mis abuelos, mis padres y yo*, 1936. Óleo e têmpera sobre lâmina de metal, 30,7 X 34,5 cm. The MuseumModernArt, Nova York. **Fonte:** Disponível em: <http://www.fridakahlofans.com>. Acesso em 9 Jul. 2014.

Refletindo sobre essa questão autobiográfica em suas obras, Seus temas, segundo Fuentes (1995), eram suas sensações, seus estados de espírito, suas reações diante da vida. Concebia a beleza como verdade e autoconhecimento, como devir, e este seria seu legado aos marginalizados; “beleza convulsiva”, como afirmava Breton ao dizer que sua arte era como uma fita enlaçando uma bomba. Para o autor, Frida era uma panteísta natural, alguém que explorava o inter-relacionamento de todas as coisas.

Na maioria dos autorretratos a artista retrata-se contrastando com paisagens de fundo vastas, despertos ou vazias, quartos frios, que refletem sua própria solidão como percebemos em *Recordação ou O coração* (Figura 5) em que Frida encontra no meio pictórico uma forma de exprimir a angustia e sofrimento que teve durante o romance do marido com sua irmã; e em *Autorretrato com cão Itzcuintli* (Figura 6) que mostra-nos uma jovem de frente para o observador com ar de solidão, apenas na companhia do pequeno cão que dá a segurança e o afeto que ela procurava nos seus animais.





**Figura 5 e 6:** Na imagem à esquerda, 5: Recordação ou O coração, 1937. Óleo sobre metal 40 X 28,3 cm. Colección de Michel PetitjeanParís, França. **Fonte:** Disponível em: <http://www.fridakahlofans.com>. Acesso em 09 Jul. 2014. Na imagem à direita, 6: Perro Itzcuintli conmigo, 1938. Óleo sobre tela 28" x 20 1/2" coleção privada Dallas, Texas, EUA. Fonte: Disponível em: <http://www.fridakahlofans.com>. Acesso em 10 Set. 2014.

Segundo KETTENMANN, quando Frida surge com um de seus animais na sua obra, parece uma criança a se reconfortar com um ursinho. Os retratos de corpo inteiro, por outro lado, que são às vezes representados num fundo cênico, estão predominantemente ligados a acontecimentos biográficos como a condição física, ou seu relacionamento com o marido Diego Rivera.

Durante o tempo que esteve presa a cama devido sua condição física, Frida teve oportunidade de estudar sua própria imagem refletida no espelho. Essa autoanálise de acordo com KETTENMANN (2010), foi feita numa época em que tendo escapado da morte, começava a descobrir e a experimentar tanto o seu próprio eu, como o mundo a volta dele a um nível novo e mais consciente.

“A partir desse período, a minha obsessão era começar de novo, pintar as coisas tal como as via com meus próprios olhos e nada mais”. Frida Kahlo (CONDE, 2004, pg. 34).

Os autorretratos de Frida ajudaram-na a moldar uma ideia do seu próprio eu, ao recriar-se tanto na arte como na vida. Fato este que explica o porque de seus autorretratos diferirem uns dos outros em apenas alguns detalhes. Assim, KETTENMANN (2010) afirma que de modo a exprimir as suas ideias e sentimentos, Frida desenvolveu uma linguagem pictórica pessoal, com vocabulário e sintaxes próprios. Usou símbolos que uma vez decodificados, nos permitem ter um conhecimento profundo sobre a sua obra e as circunstâncias que presidiram a sua criação.

Na obra O Hospital Henry Ford ou A cama Voadora (Figura 7), a artista nos relata a experiência traumática de seu abordo, observamos o uso da simbologia, por exemplo, com o uso do caracol que flutua à direita da cama, que segundo Frida é um símbolo da interrupção da gravidez que ainda era de curta duração.



**Figura 4:**O Hospital Henry Ford ou A cama Voadora, 1932. Óleo sobre metal 30,5 x 38 cm. Colección de Dolores Olmedo Patiño Ciudad de México, México. **Fonte:** Disponível em: <http://www.fridakahlofans.com>. Acesso em 9 Jul. 2014.

Frida quebrou todos tabus de seu tempo com suas imagens altamente pessoais, especialmente aquelas que diziam respeito ao corpo e a sexualidade feminina. Nos seus autorretratos na maioria das vezes aparece vestida com roupas simples, não sofisticadas ou com vestes índias, exprimindo assim a sua identificação com a população indígena e sua própria identidade nacional. Mais da metade de seus quadros são autorretratos feitos durante a separação e o divórcio do seu marido. Pintou-se quase que exclusivamente a si própria e, em todos os seus retratos procura expressar de alguma forma seu temperamento do momento.

Pintava-se porque muitas vezes sentia-se só e porque se considerava o tema que melhor conhecia. Assim, Frida não pintou a sua realidade tal como a via, mas como a sentia.

## CONCLUSÃO

Percebeu-se que a realidade de Frida Kahlo era o que impulsionava a arte de seus quadros, retomando a associação inicial de suas pinturas com seu diário concluiu que esses serviram como um campo de defesa que a ajudaram a resistir todos os processos sucessivos ao acidente e aos problemas no casamento, pois ela externalizava através de sua obra seus sentimentos, assim criando novos mecanismos de defesa. A análise autobiográfica em suas obras é um tema bastante complexo devido sua própria linguagem pictórica e simbólica, o qual acredito que é algo a ser pensado e desenvolvido em estudos futuros, pensando, inclusive, na possibilidade de se fazer uma relação com minha obra e a autorreferência amparados pelo contexto histórico abordados na cultura e arte latina americana.

## REFERÊNCIAS

CONDE, Teresa del, Frida Kahlo: La pintora y El mito. D.F. México: Plaza Janés, 2004.

FRIDA KAHLO. Disponível em <<http://www.fridakahlofans.com>>. Acesso em 09 Jul. 2014.

FUENTES, Carlos. Introdução. In: KAHLO, Frida. O diário de Frida Kahlo: um auto-retrato íntimo. Rio de Janeiro: José Olympio, 1995.

HERRERA, Hayden. Frida: A Biografia. São Paulo: Globo, 2013.

KETTENMANN, Andrea. Frida Kahlo 1907-1954 - Dor e Paixão. Köln: Taschen, 2006.

LOWE, Sarah. M. Ensaio. In: KAHLO, Frida. O diário de Frida Kahlo: um auto-retrato íntimo. Rio de Janeiro: José Olympio, 1995.

MIRANDA, Wander Melo. A Ilusão Autobiográfica. In: Corpos Escritos. São Paulo: EDUSP, 1992.